

JOSTEIN GAARDER

O CASTELO NOS PIRINEUS

Tradução:
LUIZ ANTÔNIO DE ARAÚJO



Copyright © 2008, H. Aschehoug & Co, Norway

A tradução recebeu incentivo do NORLA.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:

Slottet i Pyreneene

Tradução autorizada pelo autor, com base na
versão alemã de Gabriele Haefs

Ilustração de capa:

Maria Eugênia

Preparação:

Júlia Bussius

Revisão:

Carmen S. da Costa

Pedro Borges Júnior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gaarder, Jostein, 1952-

O castelo nos Pirineus / Jostein Gaarder ; tradução Luiz Antônio de Araújo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: *Slottet i Pyreneene*.

ISBN 978-85-359-1682-9

1. Ficção norueguesa 1. Título.

10-04844

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norueguesa 839.823

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

1

Cá estou eu, Steinn. Foi um milagre revê-lo. E justamente lá! Você ficou tão pasmo que quase tropeçou. Não foi — não pode ter sido — um “encontro casual”. Havia forças operando naquele lugar, forças!

Conseguimos roubar quatro horas para nós. Mas o que é “roubar” quatro horas? Niels Petter não achou a menor graça. Só em Førde dignou-se a me dirigir a palavra.

Nós simplesmente subimos o morro a partir do vale. Meia hora depois, estávamos diante do bosquezinho de bétulas. Outra vez...

Não dissemos uma palavra no caminho. Sobre *aquilo*, digo. Falamos de tudo, mas daquilo não. Tal como antigamente. Não fomos capazes de nos posicionar quanto ao acontecido. E assim nós fomos para o brejo, talvez não você enquanto você, nem eu enquanto eu, mas nós dois enquanto nós dois. Não conseguimos nem mesmo trocar um boa-noite. Lembro que passei a última noite no sofá. E me lembro do cheiro do cigarro que você fumava sentado no outro cômodo. Através da parede e da porta fechada, cheguei a ver a sua cabeça inclinada. Você ficou lá, debruçado na escrivaninha, fumando. No dia seguinte eu parti, e nós não voltamos a nos ver. E lá se vão mais de trinta anos. Não dá para entender.

Mas eis que acordamos subitamente de anos de sono de Bela Adormecida — como que sacudidos pelo mesmo sinal milagroso. E, independentemente um do outro, tornamos a

nos hospedar lá. No mesmo dia, Steinn, num outro século. Num mundo inteiramente novo. Caramba, depois de mais de trinta anos.

E não me diga que foi mera casualidade. Não diga que não foi orquestrado!

O mais surrealista foi a dona do hotel aparecer subitamente na varanda, ela que naquele tempo era a jovem filha da casa. Também para ela passaram-se trinta anos. Acho que essa foi a grande experiência de *déjà-vu* da sua vida. Lembra o que nos disse? Que bom saber que vocês continuam juntos, foi o que disse. Essas palavras doeram. Mas não deixaram de ter graça, já que a mulher não nos via desde aquela manhã, na metade dos anos 1970, em que ficamos tomando conta das suas três filhinhos. Esse favor nós lhe fizemos porque ela nos havia emprestado duas bicicletas e um rádio portátil.

Agora estão me chamando. Afinal de contas, é uma noite de julho e aqui no litoral se vive em regime de veraneio. Acho que estão grelhando trutas, e Niels Petter acaba de me servir um *schnaps*. Deu-me dez minutos para terminar o e-mail, e eu preciso mesmo desses minutos, pois quero lhe pedir uma coisa importante.

Será que nós podemos prometer solenemente apagar todas as mensagens assim que as tivermos lido? Quer dizer, de imediato, sem demora, e, obviamente, nem pensar em ligar a impressora.

Imagino este novo contato como uma vibrante corrente de pensamento entre duas almas, não como uma correspondência que, digamos, há de ficar eternamente entre nós. Assim a gente fica mais à vontade para escrever sobre tudo.

À parte isso, os dois, cada qual por seu lado, somos casados, temos filhos. Não gosto da ideia de deixar tudo no computador.

Não sabemos quando há de ser, mas um dia nós iremos embora deste carnaval cheio de máscaras e papéis, legando apenas alguns bens passageiros que depois também serão varridos.

Somos obrigados a sair do tempo, disto que chamamos “realidade”.

Os anos passam, mas me tira o sossego a ideia de que parte daquilo que sucedeu pode surgir de repente. Às vezes sinto que uma coisa me persegue, está nos meus calcanhares.

Não esqueço a barra sinalizadora da polícia em Leikanger e ainda estremeço quando vejo uma radiopatrulha atrás do meu carro. Uma vez, há alguns anos, um policial fardado bateu à minha porta. Deve ter percebido o susto que levei. Mas ele só queria informação sobre um endereço no bairro.

Você certamente acha que é uma preocupação inútil. Mesmo porque a coisa decerto já prescreveu juridicamente.

Mas o sentimento de culpa não prescreve nunca...

Prometa que vai apagar tudo!

Só quando estávamos lá em cima, nas ruínas do antigo chalé, você me contou o que o tinha levado ao interior do fiorde. Tentou resumir o que fez nos últimos trinta anos e me informou sobre o projeto climático. Depois mal conseguiu falar no sonho particularmente intenso que teve naquela noite, antes do nosso encontro na varanda. Um sonho cósmico, disse, mas ficou nisso, pois aquelas vacas apareceram e nos assustaram e nos fizeram correr para o vale. Por isso você não voltou a falar no sonho.

Mas é claro que você tem sonhos cósmicos... nós queríamos tentar dormir algumas horas, mas estávamos tão nervosos, era natural que estivéssemos, por isso fechamos os olhos e ficamos conversando em voz baixa. Sobre estrelas, galáxias e essas coisas. Apenas sobre coisas grandiosas, distantes e, até certo ponto, superiores...

Hoje acho esquisito pensar nisso. Foi antes de eu *acreditar* em alguma coisa. Se bem que pouco tempo antes.

Estão me chamando outra vez. Só mais um comentário antes de enviar a mensagem. O nome do lago era Eldrevatnet. Não acha um nome estranho para um lago de montanha, mui-

to distante de gente e bichos? Quem eram os “velhos” naquele tempo, lá no alto, entre a afloração e o cimo?

Então, quando segui viagem com Niels Petter, não tirei os olhos do mapa. Nunca mais tinha estado lá e não conseguia erguer a vista: à beira daquele lago, não. Minutos depois, passamos pelo outro lugar, quer dizer, pela curva perto da ribanceira, e esse foi o momento que mais me doeu na viagem.

Creio que só lá embaixo, no vale, pude desgrudar os olhos do mapa. De modo que aprendi muitos nomes novos de lugares, os quais li para Niels Petter. Precisava fazer alguma coisa. Estava com medo de ter um ataque de nervos e acabar contando tudo.

Depois chegamos aos túneis novos. Fiz questão de ir por eles, de não passar pela igreja de madeira nem pela estrada velha à beira do rio. Inventei uma desculpa tola, disse que estava tarde e que não tínhamos muito tempo.

Pois é: Eldrevatnet.

A mulher amora era “mais velha”. Pelo menos foi o que achamos na época. Uma mulher madura com um lenço rosa-dado nos ombros. Nós precisávamos ter certeza de que os dois tínhamos visto a mesma mulher. Isso no tempo em que ainda conversávamos.

A verdade é que ela era tão velha quanto eu sou hoje, nem mais nem menos. Aquilo que chamam de mulher de meia-idade...

Quando você saiu à varanda, foi como se eu tivesse topado comigo mesma à porta. Fazia trinta anos que não nos víamos. Mas não foi só isso. Tive a nítida sensação de me ver de fora, quer dizer, do seu ponto de vista e com os seus olhos. Súbito, a mulher amora era eu. E isso me deu um inquietante sentimento de premonição.

Estão me chamando de novo. É a terceira vez, agora vou enviar o e-mail e, a seguir, apagá-lo. Com carinho, Solrun.

Precisei me reprimir para não escrever “sua Solrun”: entre nós, nunca houve separação de verdade. Naquele dia, eu

simplesmente peguei as minhas coisas e saí. Mas não voltei. Só depois de quase um ano, em Bergen, escrevi pedindo-lhe que empacotasse e enviasse o resto dos meus pertences, e mesmo então não cheguei a conceber aquilo como uma separação oficial, foi mais fácil assim porque já fazia tempo que eu estava do outro lado da montanha. Só anos depois conheci Niels Petter. E se passaram mais de dez até que você e Berit se encontrassem.

Você era teimoso. Nunca desistiu de nós pra valer. E eu, de vez em quando, tinha a sensação de viver em plena bigamia.

Nunca vou esquecer o que nos sucedeu lá no alto, no desfiladeiro. Às vezes, tenho a impressão de que não passa uma hora sem que eu pense naquilo.

Mas depois ocorreu algo, uma coisa verdadeiramente maravilhosa e promissora. Hoje eu a encaro como uma dádiva.

Imagine se tivéssemos aceitado essa dádiva, nós dois? Mas estávamos desvairados de pavor. Primeiro você ficou prostrado e me deixou protegê-lo. Depois se levantou repentinamente e disparou a correr.

Em poucos dias, já estávamos olhando para lados diferentes. Tínhamos perdido a capacidade ou a vontade de nos fitarmos nos olhos.

Nós dois, Steinn. Difícil de acreditar.

Solrun, Solrun! Você estava tão linda! Tão encantadora com aquele vestido vermelho, de costas para o fiorde, para o jardim e para a balaustrada!

Eu a reconheci imediatamente, como não ia reconhecer. A menos que fosse uma alucinação. Mas não, era você: como se tivesse surgido de outra época!

E uma coisa eu preciso dizer sem demora: dou-lhe minha palavra que não a associei a nenhuma “mulher amora”.

Que bom que você escreveu! Passei as últimas semanas esperando. Quem propôs a troca de mensagens fui eu, mas você se limi-

tou a dizer que entraria em contato quando fosse possível, de modo que a iniciativa ficou por sua conta.

Achei tão incrível nos encontrarmos exatamente naquele lugarzinho apartado, exatamente como antes. Foi como se tivéssemos vivido com o compromisso antiquíssimo de nos reencontrar lá. Mas não marcamos encontro. Foi puro acaso.

Saí da sala de jantar com uma xícara e um pires e, no meu espanto, derramei um pouco do café, queimei o pulso, e você tem razão em dizer que não foi sem esforço que me mantive em pé, afinal, não podia deixar a xícara cair.

Cumprimentei rapidamente o seu marido, e como ele teve a súbita urgência de ir buscar sei lá o que no automóvel, nós pudemos trocar algumas palavras, você e eu, e então apareceu a dona do hotel, deve ter me visto passar pela recepção e me reconheceu de trinta anos antes, do tempo em que a mãe dela administrava o lugar.

Nós estávamos frente a frente, e ela decerto nos tomou por um casal de meia-idade que, em tempos remotíssimos, havia feito uma viagem romântica àquele braço de fiorde, antes de nos estabelecermos e passarmos toda a vida juntos — foi o que imaginei —, e agora enfim, talvez num acesso de saudade aguda, retornávamos ao cenário do nosso idílio juvenil. E, naturalmente, fizemos questão de sair à varanda depois do café da manhã, fiéis ao espírito do século, os dois havíamos parado de fumar, todo o resto teria sido ainda mais bonito, mas nós precisávamos ir ver as faias, o fiorde e os montes. Era o que fazíamos naquele tempo.

A recepção do hotel era nova, assim como era novo o café que servia de rápida parada para os viajantes. Mas as árvores, o fiorde e as montanhas continuavam os mesmos. Isso também se aplica à mobília e aos quadros da sala da lareira, a mesa de bilhar estava exatamente no mesmo lugar, e duvido que o velho piano tenha sido afinado alguma vez na vida. Naquele instrumento, você tocou Debussy e nocturnos de Chopin. Nunca vou esquecer aquele bando de hóspedes aglomerado junto ao piano, aplaudindo-a.

Passaram-se trinta anos, mas o tempo ficou quase parado.

Ia me esquecendo da única mudança verdadeira. O túnel novo! Naquele tempo, nós chegamos de balsa e de balsa fomos embora. Não havia outra possibilidade.

Lembra que alívio foi saber que a última balsa havia partido? Significava que a aldeiazinha estava isolada e nós ainda tínhamos o resto da noite, a madrugada e a manhã seguinte, quando a M/F Nesøy fosse para o fiorde e só voltasse na hora do almoço com alguns passageiros. Moratória, dissemos. Se fosse hoje, é bem possível que passássemos a noite inteira na varanda, de olho nos carros que saíam do túnel. Eles iriam procurar mais a oeste ou desviariam perto do Museu da Geleira para nos capturar, isto é, nos prender no hotel?

Puxa, eu tinha esquecido que havíamos cuidado das filhas dela. Não, não me lembro de tudo.

Concordo com a proposta de apagar os e-mails assim que os tivermos lido, responder e apagar a resposta enviada. Também não quero armazenar muita coisa no meu HD. Às vezes é reconfortante restringir-se a revelar ideias e associações, nada mais. Hoje em dia, armazena-se demasiadas palavras, seja na web, seja em pen drives ou discos rígidos.

Apaguei a mensagem que você me enviou bem antes de me instalar aqui para responder. E confesso que isso também traz desvantagens, pois agora já não tenho a possibilidade de reler suas palavras. Dependendo unicamente da minha memória e, daqui por diante, a nossa troca de e-mails vai ser assim.

Você sugere que, por trás do nosso reencontro sensacional na varanda do hotel, havia forças sobrenaturais; no que diz respeito a essas questões, vou logo avisando que continuo sendo franco como antes. E que não posso encarar essa casualidade senão como isso, uma casualidade atrás da qual não há nenhuma vontade e nenhum “poder guiador”. No caso, trata-se, sem dúvida, de um acidente “extraordinário”, não de uma bagatela. Mas você também precisa ter em conta os muitos e muitos dias em que não passamos por nada parecido.

Mesmo correndo o risco de reforçar a sua tendência ao ocultismo, vou contar uma coisa. Quando o meu ônibus saiu do longo túnel lá em cima, perto de Bergshovden, o fiorde estava envolto pela neblina, de modo que não se enxergava absolutamente nada lá embaixo. Eu via, naturalmente, o cimo dos montes, mas era como se o fiorde e os vales tivessem sido riscados do mapa. Então nós entramos em

outro túnel e, quando saímos, eu estava abaixo da camada de nuvem. Avistei o fiorde e o fundo dos três vales, mas agora o topo dos morros tinha sumido.

Pensei: mas será que ela está aqui? Será que também vem?

E acontece que você estava; na manhã seguinte, quando saí da sala de jantar com a xícara de café cheia até a borda, dei com você na varanda, com um vestido de verão quase infantil.

Senti que eu a havia criado naquele instante, que acabava de compô-la no velho hotel de madeira. Lá fora, na varanda, foi como se você tivesse saído da minha recordação, nascido da minha saudade.

Mas, Solrun, não há nada de excepcional no fato de você estar tão presente no meu pensamento. Afinal de contas, eu tinha ido parar justamente no lugar que antigamente nós chamávamos de “noso cantinho erótico”. À parte isso, é claro que o reencontro foi pura obra do acaso.

À mesa do café da manhã, entre o suco de laranja e o ovo, eu havia pensado em você. Estava totalmente perplexo com o sonho que tivera. Então saí à varanda com o meu café — e, pronto, topei com você!

Tive pena do seu marido. Palavra que tive pena dele quando, uma hora depois, nós viramos as costas e nos recolhemos à nossa intimidade na montanha.

O modo como nos afastamos e o modo como conversamos pareceram-me uma linda reverberação do passado, do tempo em que lá estivemos na nossa juventude. O vale era o mesmo e, como eu já disse, você continua com cara de menina.

Mas no destino eu não acredito, Solrun. Nisso, não.

Você insiste em mencionar a “mulher amora”. E, com isso, evoca uma das experiências mais estranhas que eu já tive na vida. Porque não a esqueci e tampouco a pretendo negar. Mas espere. Eu também vi outra coisa no caminho de volta.

Quando vocês partiram, eu fiquei, pois ia participar da inauguração do Centro Climático. Já disse que a minha palestra estava marcada para antes do almoço. Na manhã de sexta-feira, tomei a balsa rápida que vai de Balestrand a Flåm, horas depois, segui de trem até Myrdal e de lá para Oslo.